

# **SOBRE BOIS E BOLAS<sup>1</sup>**

**Soraia Chung Saura**

Dedico este texto a Morena e a Alice, sorridentes, alegres, festivas...

*O touro estacou. Era zebuno e enorme. O vaqueiro, a pé, não lhe inspirava o menor respeito. Cresceu, sacudindo a cabeça, cocoruto e cachaço, como um sistema de torres superpostas. Encurtou-se, encolhendo os quartos dianteiros e inclinando a testa. E veio.”*  
(Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas)

*A bola não é a inimiga/ como o touro, numa corrida;/ e, embora seja um utensílio/ caseiro e que se usa sem risco,/ não é o utensílio impessoal,/ sempre manso, de gesto usual:/ é um utensílio semivivo,/ de reações próprias como bicho/ e que, como bicho, é mister/ (mais que bicho, como mulher)/ usar com malícia e atenção/ dando aos pés astúcias de mão. (João Cabral de Melo Neto, O Futebol Brasileiro Evocado na Europa, do livro Donos da Bola)*

## **Parte I - Morena**

“Boi, boi, boi, boi da cara preta”, cantarolava baixo, do portão de minha casa, fitando atenta o boi que por sua vez me fitava, enigmático. Cantarolando e olhando, calculava a distância entre o boi e o portão. E do portão, quanto para chegar ao asfalto, o boi no meio. Tempo, velocidade, precisão. Tudo do imponderável.

Dô sempre me alertava:

“Boi corre atrás de gente vestida de vermelho”.

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente em SAURA, S.C; ZIMMERMANN, A.C; (orgs) Jogos Tradicionais. 1 ed. São Paulo: Editora Laços. 2014. P. 165-188.

E lá estava eu, pronta para ir à escola, tendo que cruzar o pasto para chegar ao asfalto, inteira de vestido vermelho, um boi no meio.

Dô me contava muitas histórias passíveis de dúvida, é verdade. Cozinheira carinhosa. Mas desde que a vi caminhar descalça sobre um tapete de brasas incandescentes, reafirmando sua fé em São João e Jesus, nunca mais duvidei de nada do que dizia.

Voltava para dentro de casa e me queixava do boi na estrada, mas minha mãe, bem mais pragmática, alertava para o atraso na aula.

“Bobagem”, dizia.

Entre Dô e minha mãe, entre o portão e a rua, entre o pasto e o asfalto, entre o boi e o vestido vermelho, enchendo o peito de coragem, calculando riscos e debandando em carreira, me vi a salvo alguns metros depois, suando frio. Tornei a olhar o boi: ainda me encarava, ruminando parado no mesmo lugar, imponente de chifres enormes.

Com a Bola não foi diferente. Não tenho memória da primeira bolada, talvez traumática na demonstração de alguma inabilidade infantil, no escanteio de algum jogo, e como fato, a imperícia revelada naquele lugar que fica no fundo da quadra mas exposto a todos os olhares: ser a última escolhida para jogar no time. Minha relação com a bola mora em um lugar de imagens construídas antes mesmo que algum discurso ou racionalidade pudessem ganhar forma, pelo menos minhas lembranças não alcançam esse lugar.

Logo, aceitei minha inaptidão. Fui muito boa em muitos esportes, todos que não envolvessem a bola. Entretanto nunca deixei de admirar estarrecida, a coragem, o vigor, o desprendimento, o arrojo, a bravura, a firmeza e a audácia envolvidos nos jogadores que se lançam em campeonatos com a bola. Assisto aos jogos, desde campeonatos de alto nível a peladas na praia, com o mesmo encanto e fascínio. Ressalto, sempre a uma distância calculadamente segura da personagem principal: a Bola.

Medo e fascínio, confrades de uma mesma convivência, um que nos atrai e outro que nos mantém apartados. Muito comum observá-los na presença de crianças pequenas a reconhecer os mistérios do mundo: têm medo, mas anseiam olhar. É um par correligionário no desafio humano da existência. Não-quero-mas-quero. Talvez resida aí

a inferência do movimento. Vou-não-vou, já indo. O enfrentamento e o receio, propulsores aos quais estamos submetidos desde muito cedo. Espinosa já dizia que o não enfrentamento do medo é escravidão. Para Aristóteles a virtude está no meio termo entre a fraqueza e o combate. (CHAUI, 1995).

Não é à toa este texto. Parece que gravito redemoinhando em torno destes dois elementos, o Boi e a Bola, desde sempre, temor e confronto. Volteio. Escrever é como dançar. Pois que a dança é umas das minhas principais atividades e o giro das saias perfumadas em ritmo alucinante e colorido enorme, que nos avançam no espaço, rodando em nós mesmas sobre nosso eixo central exige esse olho de jogo: um na Bola e outro, no Outro. Precisão da presa que pode ser predada. (GEIST, 2010) Sintonia fina do giro dos peões, esse jogo que também exerce irrefutável encantamento até os dias de hoje. (SAURA, 2013)

Como o jogo do peão ou muitos outros, encontramos a brincadeira de Boi e o jogo de Bola em todas as partes do mundo, “multiplicidade que se agita” (DURAND, 2002: 74). Com regras próprias, com diferentes formatos, estilos, mais ou menos desafiadores, mais ou menos organizados, em toda a parte vê-se uma humanidade que se relaciona em movimento a partir da provocação destes elementos, (entre outros) que nos instigam a jogar e a brincar. Na esfera animal, só para mencionar alguns, temos bois, touros, galos de briga, cavalos. Desde tempos remotos, medo e fascínio, desafio e instigação, o movimento e sua inferência.

De onde vem essa memória humana que nos faz sentir fascínio e medo pelo bicho Boi? Quantos infinitos folguedos e festas há no mundo que fazem menção a este animal? Por que os homens insistem, em todos os cantos do planeta, em brincar com esse bicho, qual seja ele boi manso dançante ou touro bravo esturrante? Todas as vezes, diante de bois chifrudos de olhares penetrantes, sinto o mesmo frio na espinha. Enfrento-o me permitindo jogar.

Em um livro de imagens de jogos de futebol (VILELA, 2009) o autor percorre o planeta durante cinco anos registrando partidas de bola descompromissadas em diferentes culturas. O resultado é simplesmente surpreendente. Meninos divertem-se em locais improváveis tais como o Iêmen, ou no chão gelado e branco da Antártida – e pintam a bola de vermelho, para resolver o problema de se jogar na monocromia do gelo e da neve. Há jovens entre escombros em uma pelada palestina na faixa de Gaza,

crianças budistas disputando a partida em Miamar, vietnamitas com a camisa da Seleção Brasileira, retratos de partidas aos pés das pirâmides do Egito ou sobre as muralhas da China.

Por meio das imagens, vê-se ser possível jogar bola de modos improváveis - bem devagar para não assustar os elefantes do Camboja, ou correndo e afundando os tornozelos em areias finas das praias de Fiji. Fazendo peripécias entre morros e ruínas de Machu Pichu, cuidando para não danificar sítios arqueológicos na Tunísia, ou ainda, sem limites espaciais claramente demarcados nos pampas do sul.

Notoriamente, um jogo que pode ser jogado em qualquer lugar. A Bola e o seu imponderável rolar provocam o movimento humano, desafiam-no. Podemos dizer de uma provocação. (ZIMMERMANN, 2010). Surgem modos originais de conceber as relações dos homens entre si e com o mundo:

“Quando povos do interior da Nova Guiné aprenderam com os missionários a jogar futebol, adotaram esse jogo com entusiasmo. Mas, em vez de buscar a vitória de um dos dois campos, multiplicavam as partidas até que as vitórias e as derrotas de cada campo se equilibrassem, promovendo um empate. O jogo não termina, como entre nós, quando há um vencedor, mas quando têm certeza de que não haverá perdedor”. (LEVI-STRAUSS, 2012: 54)

Este é um exemplo de um jogo bastante colaborativo, digamos assim. E sabemos que o *modus operandi* de jogar e brincar podem revelar características de uma cultura particular. Podemos inferir uma cultura de cooperação nas tribos da Nova Guiné, apenas pelo modo como jogam.

Nick Hornby (2013), torcedor inglês, consegue transmitir o seu atordoamento diante da seleção brasileira na Copa de 1970:

“Quando a Tchecoslováquia abriu o placar de estreia dos brasileiros, David Coleman comentou que ‘tudo o que sempre ouvimos falar deles está se confirmando’; ele se referia à defesa fraca do Brasil, mas aquelas eram as palavras de um homem tentando apresentar uma cultura a outra. Nos oitenta minutos

seguintes, tudo o mais que tínhamos ouvido falar deles também se confirmou. Empataram numa falta cobrada por Rivelino, a bola em curva, girando e caindo no ar rarefeito do México (eu já tinha visto alguma vez um gol marcado numa cobrança direta de falta? Não consigo me lembrar de nenhum), e viraram 2 a 1 com Pelé matando no peito um lançamento longo e metendo um voleio no campo. Ganharam de 4 a 1 e nós, das proximidades do Meridiano de Greenwich, o pequeno mas importante centro da aldeia global, ficamos devidamente impressionados. Não era só a qualidade do jogo, porém; era o fato de que eles consideravam que engenhosidade e beleza desconcertante eram tão necessários e úteis quanto bater escanteio ou lateral. (...) A tentativa de Pelé de marcar por cobertura do meio do campo, como enganou o goleiro uruguaio, saindo por um lado enquanto a bola ia pelo outro... eram equivalentes, no futebol, a assentos ejetáveis, e faziam todo o resto parecer o mais ordinário dos modelos de Matchbox. Até o jeito brasileiro de comemorar os gols – corridinha, salto, soco no ar, corridinha, salto, soco no ar – era diferente e divertido, de dar inveja, tudo isso ao mesmo tempo”. (p.53-54)

Tudo o que “ouviram falar deles” e “eles” no caso somos nós (que alegria), com nosso reconhecido futebol-arte, refere-se talvez a um jeito gingado-lúdico-malandro-criativo de lidar com a bola - assim se apresentam adjetivos indefinidamente desde que Garrincha e Pelé sapatearam em campo. Sapatearam, dançaram, driblaram e humilharam - e mais do que isso: com a propagação dos aparelhos televisivos, tiveram as primeiras imagens futebolísticas transmitidas para o mundo.

Há que se considerar o discurso identitário elaborado a partir destas imagens (difundidas e propagadas no globo terrestre) do futebol brasileiro. A memória coletiva e o imaginário social são tão fortes, que ainda hoje, com o futebol mais tático, disciplinado e globalizado, os conceitos que envolvem o estilo brasileiro de jogar, o *beautiful game* – do qual Garrincha é sua principal expressão – insistem em se difundir mundo afora. A *Ginga* brasileira tem sido explorada atualmente por comerciais de TV, patrocinadores e até por pesquisadores da área. Relaciona-se o estilo de jogo à alegria do povo brasileiro, a um futebol moleque, ao ritmo do samba e às habilidades da

capoeira, essa “engenhosidade e beleza desconcertante”. Talvez menos competitivo e mais lúdico, mas que não perde, ao contrário, acrescenta, ao resultado final: são beautifuls gols impressionantes.

O jogo é o mesmo através dos tempos, mas basta olhar, novamente, as crianças brincando como no caso do Peão, ou da Amarelinha, fenômenos universais do movimento humano. O *modo* de jogar – mais lúdico e criativo, mais cênico e expressivo, mais competitivo e agressivo – variam de região para região e dialogam com a cultura em particular. As manifestações populares também apresentam essa *anima* bem demarcada – existem desde tempos remotos, mas transformam-se, em um diálogo profundo com o meio e o ambiente onde estão inseridos.

No jogo com o Boi, nada mais competitivo, estético, estratégico, perfeito e desafiador do que enfrentar um touro sozinho em uma das inúmeras arenas espanholas, manuseando colossalmente tecidos de cores vibrantes. Ou correr com (e não dos) animais de 500 quilos nas estreitas ruelas de Pamplona<sup>2</sup>. Para não irmos tão longe, os vaqueiros em vaquejadas, corridas de moirão ou em uma versão mais recente da relação do homem com o bicho - nos rodeios que atraem multidões. Geralmente têm seus feitos cantados em todo território nacional – a hora exata em que o homem domina a fera no braço (ou no laço, ou no lombo) – sempre sob o triz de um momento de uma peleja que conduz quem assiste a estranhas reações exaltadas, como aquelas que presenciamos nos campos futebolísticos. O vaqueiro e suas proezas também contribuem na construção de elementos imaginários que circundam a sua figura. Com nomes associados às distantes localidades de onde são naturais: “Norberto da Palmeira, Ismael do Riachão, Calixto do Pé da Serra, Félix da Demarcação, Benvenuto do Desterro, Zé Preto do Boqueirão”, tanto mais é conhecido quanto maiores forem suas habilidades, sempre botadas à prova, localizando desgarrados, passando por embates, domínios, amansamentos e correrias de enlace.

Homenageados incansavelmente Brasil afora, todos estão atentos - como fazemos diante de uma tela plana a observar atletas de alto nível - aos seus lances de coragem, suas arrancadas e correrias, saltos, valentias, precisões e lançadas, tão necessárias e presentes no enfrentamento da fera. Vistos, analisados e espalhados pelo

---

<sup>2</sup> Ver Ilundáin, Jesus. “Jogos Tradicionais: Na Encruzilhada Entre a Globalização e a Preservação – Um Estudo de Caso sobre a ‘Corrida de Touros’”, neste livro.

mundo na voz das cantorias sertanejas, sob o olhar atento dos repentistas, os cantadores não deixam de narrar seus atos heroicos, mas também não deixam de lado seus atos de covardia, arrogância ou timidez, mentiras e vaidades, mostrando a todos o lado humano de um personagem cujo correlato está concatenado à imagem daquele atleta disciplinado e atento que, se porventura incorrer em erro moral, animará bastante os fanzines televisivos. Tanto quanto a ausência de gols e os resultados insatisfatórios em campo. Isso porque vaqueiro e atleta, na doma do Boi e da Bola, são capazes de governar feras, instintos e paixões, suportar a dureza das concentrações, dos treinamentos extenuantes, as viagens, os longos períodos de abstinências genéricas e particulares. Sempre apoiados na estrutura do time, como nos mostra esse depoimento de uma Iaô sobre o arquétipo de um vaqueiro:

“Vaqueiros são sérios, homens de vida rude, sem família, transportando gado por longas distâncias, dormindo ao relento, velando os animais, um olho aberto, outro fechado, atencioso. Como poucas mulheres enfrentavam essa vida, o Vaqueiro se relaciona pouco com elas, o que o torna um cavalheiro de pouco trato com as donzelas. A referência dele será sempre seu Grupo de comitiva, onde o código de ética e de sobrevivência são muito fortes, e isso os fazem virtuosos e fiéis. Sua fidelidade se estende ao patrão, sobretudo, a quem tem dever de entregar os animais em bom estado.” (Depoimento de Adriana Toledo, in SAURA, 2008)

Bola e Boi, como personagens principais de uma narrativa novelística, também são narrados como protagonistas. São frequentemente mencionadas suas indecisões, desobediências, teimosias, “traições e perfídias. (...) A Bola, que não é boba, tem autonomia, personalidade, idiossincrasias, segredos a contar e a esconder”. (WISNICK, 2008: 141,145) No caso do Boi, suas valentias e momentos de fraqueza, personalidade enfurecida ou calma bovina.

Ambos, Boi e Bola, são tão antigos que não podemos precisa-los historicamente. Além de se perderem na história linear dos povos, não se localizam em uma geograficidade definida. Estão em muitos lugares, sob muitas diferentes formas, no continente africano, no continente oriental, nas Américas e em todo o território nacional. Tanto em um caso como no outro, há representações dos fenômenos na Grécia, na Índia, no Egito, na África e na Galícia, no Jordão e na Mesopotâmia. Tanto um quanto outro estão estampados em pinturas rupestres, no teto de cavernas como

touros estelares ao lado de bisontes selvagens. Homens segurando objetos esféricos feitos com pedras, sendo atirados com as mãos ou quicados com os pés. As pesquisas nos levam ao início de uma humanidade que pensa e repensa suas relações com a natureza e sua simbologia, o homem e este animal que o acompanha, o Boi. O homem e este objeto esférico incontrollável, a Bola.

São jogos tradicionais porque presentes na humanidade desde tempos remotos? Talvez. Fato é que sua disseminação é labareda, presente em diferentes sociedades e grupos. Esta plasticidade e mobilidade colocam os jogos com Boi e com Bola no território dos “Jogos sem fronteira” (RENSON, 1997: 12) que se caracterizam por serem praticados em inúmeras sociedades, nos mais diferentes pontos do planeta, apenas com variações de regras e roupagens.

Assim, dizemos de uma estrutura profunda que não pertence a este ou aquele povo, mas à humanidade em geral, por estar situado no legado de seu patrimônio imaginário.

Localizados neste arcabouço deveras entranhado, o imaginário humano é definido por Durand como o “conjunto de imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens, o grande denominador fundamental aonde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (1998:18), que auxilia na construção de nossas referências imagéticas e bio-culturais.

A partir deste referencial, o homem se movimenta, joga, dialoga, sente medo, familiaridade. Um desafio corporal é colocado. Não sabemos por que, mas diante do Boi e da Bola, nos sentimos instigados a interagir. Neste sentido, diante destes objetos, encontramos um movimento humano que se situa na própria ancestralidade<sup>3</sup>, sendo anterior à cultura, mas próprio do humano e das relações e trajetórias que se estabelecem a perder-se de vista na existência. É sabido que o movimento humano está relacionado a estas características ancestrais profundas, porque, assim como a genética, ou como o imaginário, ou melhor dizendo, em comunhão com estes, tem sido elaborado e reelaborado pelo homo sapiens desde o início dos tempos.

“Na luta pela vida, o movimento é com certeza o principal fator de sobrevivência (...) Todas as nossas obliquidades e redundâncias musculares, toda a variação de ângulo de incidência

---

<sup>3</sup> “Ancestralidade aqui é entendida como traço constitutivo de meu processo identitário que é herdado e que persiste para além de minha própria existência.” (Almeida, Ferreira Santos, 2012:60)

da fibra muscular sobre a alavanca óssea, respondem por essa versatilidade motora, que foi não só o fator de sobrevivência do homem neste planeta, como também e fundamentalmente, o principal fator que nos deu o domínio incontestável sobre as demais espécies animais” (GAIARSA 2001, p. 27)

Assim, pela sobrevivência de tempos longínquos, diante do Boi e da Bola, identificamos a mesma gestualidade presente nas pinturas rupestres: uma postura de tensão-atenção bastante focada, prontos para o salto, para o passo, para o drible. Talvez por isso a humanidade crie e recrie seus bois. São muitos. Há os bordados, pintados em madeira, estruturas imensas cobertas de veludo, chifres de boi de verdade. Animais de carne e osso, gordos e pesados. Ou mais leves e fagueiros, a depender do criador. Cabeça de mamão, de papelão. Tecidos multicoloridos ao redor do corpo, lantejoulas e pedregulhos. Pintado, costurado, martelado, vestido. Às vezes é apenas uma caixa com galhos espetados. Dança, esturra, muge, chifra, corre, foge, brinca. Diante de semelhante visão, crianças que nunca nem sequer viram um boi na vida, aboiam o boneco.

Já a bola, oficial, de couro, de plástico, de meia, de papel, pedra, fita, borracha, vidro... Às vezes nem bola é, é tampinha, moedinha, coisinha rastejante. Acompanham-na pés descalços, chuteiras, chinelas, dedinhos, na incrível tentativa de coloca-la entre duas traves, digo dois chinelos, duas madeirinhas, duas folhinhas, dois ferros, duas camisas, buracos, desafios. A distância entre uma trave e outra pouco importa. Depende do tamanho do time, do campo, da bola. Tudo isso obviamente também varia. Incansavelmente. Tente fazer uma tabela. Será infinda.

Fato é que crianças e adultos orbitam em torno destes elementos e já pude observar que muitas vezes, as crianças têm pouco ou nenhum conhecimento sobre o Boi ou sobre a Bola, mas antes desta elaboração, já estão fascinadas.

Morena, criança bem pequena, minha filha a me acompanhar em campo, nunca teve medo do boneco boi, pois acompanhava a brincadeira de Bumba desde muito bebê. Muito pelo contrário, tinha uma incansável vontade de vê-lo de novo e de novo. “Cadê boizinho?”, perguntava chorosa. “Dorme, boizinho dorme”, respondia sua mãe cansada. “Vamos ver ele dormir?”, insistia. “Vamos, vamos”, respondia por fim a mãe. E íamos bater no quartinho escuro ao qual tínhamos acesso, onde o boneco gigante dormia

coberto, em frente ao altar e junto com todas as indumentárias da manifestação, caladas e sem farfalhar. “Dorme, boizinho dorme.” Carinho no boizinho, cuidado para não acordar o boizinho. Não sei ao certo dizer quando a pequena criança se deu conta de que o nosso boi não era real, era boneco. Mas que seus chifres eram de “boi de verdade”. Sua relação com o animal mudou então, passou a ter medo, muito medo. Custava a se aproximar desse que tinha chifres de bicho. Eu dizia: “Mas é o boizinho, apenas um boneco!” Ela respondia: “Não, não, não quero passar a mão, tem chifres de verdade”. Mais crescida, essa criança, cheia de si, debochava um pouco do bicho: “Que é isso, ficar cuidando de bicho de madeira!” Eu respondia: “Não coloca ele no chão, não, menina, você sabe que não pode”. Mais tarde, no mesmo dia e no meio da festa, aparece correndo aos prantos abraçando minha cintura: “Ele correu atrás de mim, mãe, ele ia me chifrar!” “Não ia não, filha, você conhece o moço que dança dentro do boneco, tudo e todos desta festa.” “Não, mãe, ele hoje está bravo, é dia da sua morte, fui fazer carinho nele e ele correu atrás de mim, ia me chifrar, ia me chifrar.”

Esconde o rosto molhado na minha saia e chora. Olho para a frente e vejo o Boi, parado no meio da festa com chifres reluzentes e reais, grandes e de Boi de verdade.

Morena me ensinou que o Boi contém em si elementos encantadores e acolhedores de um boizinho manso e mimado, mas por outro lado elementos terríficos de uma fera indomável: chifres. Portanto, fica entre o cão e o lobo, o feroz e o manso. Não está tanto ao céu, como o pássaro, numinoso e perfeito, perto da luz. Nem tanto ao chão, como a serpente, descascando, revirando-se e renascendo na terra.<sup>4</sup> Está no meio, junto a nós, nos impressionando.

## **Parte II - Miguel**

Boi e Bola podem remeter a uma ideia de tradição, por sua amplitude histórica, geográfica. Uma tradição de um tipo bastante especial. Não é apenas passada de pai para filho.

---

<sup>4</sup> “De todas as imagens, com efeito, são as imagens animais as mais frequentes e comuns. Podemos dizer que nada nos é mais familiar, desde a infância, que as representações animais. (...) O que mostra o quanto essa orientação teriomórfica da imaginação forma uma camada profunda, que a experiência nunca poderá contradizer.” (DURAND, 2002: 70)

A ideia de tradicional está recorrentemente associada à “preservação” e ao “antigo”. Mas o que nos mostra o movimento rodopiante em torno da Bola e do Boi é que este patrimônio imaginal não está para ser “preservado”, a partir de sua existência longa. Quando se preserva, guarda-se, imobiliza-se, petrifica-se. Quer-se como está e não de outra maneira. Ao contrário da ideia de imobilidade, a diversidade de possibilidade dos jogos mostra um universo dinâmico e ativo, em constantes mutações, recorrente, de forma não unificada e ainda a ser desvendado. Assim a ideia de tradição sugere mais do que a manutenção; a recriação, a ressignificação, a transformação. O encontro com o mesmo – de novo e de novo. Afinal, jogamos sempre. Se possível, todos os dias.

Isso nos conduz à repetição - não uma repetição literal, mas uma repetição com aprofundamento – novos elementos surgem no novamente, na novidade de jogar e brincar de novo. Afinal, nunca um jogo, sendo o mesmo, é igual a outro. Pode-se inferir que a tradição de jogar – Bola ou Boi – não está para ser preservada, “salva”. Apenas vivida, recriada, ressignificada em diversos espaços. Assim é que são “salvas” diga-se de passagem. Existindo e dando sentido a nossa existência – salvando a nós mesmos.

Não seve para nada esse jogo, esse brincar, mas Morena não o abandona. De novo e de novo, a repetição (com novidade) dando sentido de ser, de existir. Um movimento de eterno retorno, para atuarmos com substancialidade e aprofundamento da matéria humana. Se todos os anos realizarmos com profundidade jogos, festas e rituais, transformaremos estes eventos em uma tradição. A tradição acomoda o tempo em sua ritmicidade cíclica: todo ano, voltamos ao festival. Assim é que as festas com Boi e os jogos com Bola tornam-se orgânicos - importantes como manter-se vivo - e carregados de sentido. Não perdemos nunca aquele campeonato ou aquela festa. Festa e Jogo refletem assim a capacidade simbólica do homem de dar significado às coisas e aos acontecimentos.

Se podemos dizer que festas e jogos com Bois e Bolas possuem uma função no mundo, a principal parece ser a de realizarmos todos, coletivamente, esse exercício mítico de nos aventurarmos no universo do repertório humano, questões desafiadoras para a humanidade latente em todos nós: a fera, o perigo, o enfrentamento, a vida, a morte, a coragem, a incerteza, o drama, a angústia, quase ganhar, quase perder... Em última instância, o mistério da morte, do tempo, a angústia diante do tempo que se

esvai, implacável. Jogos desse modo dito “tradicionalis” imprimem um ritmo circular a uma vida que retorna sempre ao mesmo ponto - mais velhos, cansados, amadurecidos, endurecidos, felizes ou tristes, mas um eterno retorno ao mesmo ponto, demarcado pelos eventos. Bem ao contrário da linearidade objetiva que nos conduz, ano após ano, a um fim. (SAURA, 2013b) O jogo e a festa, a beleza de estarmos vivos em um mundo orgânico, com mistérios insolúveis. Há sedução, maravilhamento, arrebatamento. Diante da ação de corpos em movimento, ágeis e festivos, desafiando o mundo com vontade e potência, não há quem não se poste encantado - os que assistem e os que fazem, vale lembrar que participantes somos todos. A periodicidade, com seu ritmo e sua cadência estabelece o *continuum* do mundo.

Qualquer jogo configura-se também como drama – onde há uma coincidência de contrários. Porque qualquer drama instaura a problemática de opostos. Apresenta uma luta de sobrevivência. Quem ganha e quem perde. Quem merece, quem não. Nas pelepas com o Boi, às vezes torço pela sorte do animal. A depender da história que envolve os jogadores, apresentam-se elementos narrativos como “o susto, a fraqueza, o nervoso, o atrito, o medo, a raiva, a ira, a ira do outro, o frio, o sangue frio, o poder, a fragilidade, a morte, que a morte está beirando aí, até que ela chega no final, chega ali já-já.” (Depoimento de Tião Carvalho, in SAURA, 2008) Catarse e terror, frente à frente: Quem será o herói do jogo, o goleiro ou o atacante? Desistir ou enfrentar? A tragédia<sup>5</sup> e o drama em jogo são representações de narrativas. A literatura imita a vida ou a vida imita a literatura? Ambos, pois que as imagens da literatura pertencem ao nosso repertório. Joguemos. É melhor do que falar. Pois que

“estes fenômenos não pertencem exclusivamente a um universo de conceituação, mas inserem-se no mundo imaginativo do simbolismo visual e do devaneio literário. E para descrever o ‘sem conceito’ do vivido e das coisas mesmas, valemo-nos da fenomenologia da imagem que deve, antes de tudo, entregar-se com complacência às imagens.” (DURAND, 1998, p.25)

Presenciemos o jogo. A narrativa que o envolve nos prende atentos ao desenrolar dos acontecimentos, dos movimentos todos. Não se trata apenas de ganhar, mas de

---

<sup>5</sup> “Tragédia: embate de ações contrárias” (FERREIRA-SANTOS, 2004, P. 78); “Tudo aquilo que é grave e constante no sofrimento humano” (CAMPBELL, 2005, P. 53)

como ganhar (e de quem). Não se trata de perder, mas o que fazer com o sentimento de derrota, de frustração. Ter esperanças em um futuro nem tão próximo? Suportar a dor, a humilhação com paciência e abnegação? Honra e fidelidade – sempre é possível fingir desistir da empreitada, mas ninguém poderá testemunhar um corinthiano cansado da pelega de seu time indo assistir a um jogo do Palmeiras. Preferimos um sofrimento tácito. Esperamos o correr do tempo, pois desde que haja tempo, há sofrimento. Assim se configuram os jogos. Como a vida, aguentamos.

Estes eventos imbuídos de padecimento estão muito próximos aos rituais presentes em algumas comunidades tradicionais – concordo, não há dentes arrancados, nem circuncisões, nem dolorosas escarificações - mas há dor, perda, demarcação de um fim, início de outro, de novas temporadas, e de como sobreviver a elas. Não se trata de um “entretenimento” propriamente dito. Basta observar os torcedores. Pode-se inferir que não estão apenas “se divertindo”. Estão urrando, contorcendo-se de desespero, de frustração e ódio para, de repente, saltarem todos juntos quando a personagem principal, a Bola, balança faceira uma rede de pescador. Um post na rede social lembrou-me meu saudoso sogro:

Serei Botafogo mesmo que a bola não entre/ mesmo que o Maracanã se cale / mesmo que o manto sagrado desbote / mesmo que a vitória esteja longe / Serei Botafogo seja longa a jornada / seja dura a caminhada / Botafogo no peito e na alma/ No grito e nas palmas / Serei Botafogo até morrer. (autor desconhecido)

Tamanha disposição para a fidelidade ainda está para ser compreendida pelas ciências. Alguns trabalhos relacionam o amor ao time ao amor conjugal. Mas trocam-se de cônjuges, como nunca trocaríamos de time. Talvez como meu sogro, os torcedores saibam que “há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu.” (Eclesiastes 3,1-5). E que há um tempo de ganhar e um tempo de perder. Assim, na “longa jornada, na dura caminhada”, integra-se o tempo, função da dramaticidade vivida por nós em tantos diferentes estádios. Aguardemos o tempo da bonança. Depois, finda a narrativa e o drama, findo o jogo, no tempo de rir e da colheita, celebração:

alegria, alívio, continuidade. Vitória sobre a morte e o tempo, o renascimento figurado de muitas existências. Vencemos. Aleluia!<sup>6</sup>

Em todos os lugares, vencer o jogo causa o mesmo efeito regenerador: de aflitos e tristes, passamos à alegria geral. Viva! Porque “como o rito, por alterar o foco da mente, a tragédia transmuta o sofrimento em êxtase.” (CAMPBELL, 2005, p.53)

Do mesmo modo, é comum observarmos em outras culturas e através dos tempos, jogos-rituais e festas-cerimoniais. Estes eventos remontam a, por exemplo, celebrações de nascimentos, rituais de caçada, festas de colheita, agradecimentos pela fartura e pelo alimento, e outras manifestações referentes às observações humanas do movimento da natureza, das estações e do ciclo da vida. Traduzem-se em tudo o que é produzido para estas celebrações: uniformes, marcações corporais e espaciais, músicas, danças, alimentos, jogos de sorte, de azar, com bola, competitivos. Remontam a tempos de mistério, do homem atuante com imaginação criativa, essa capacidade que, para além da lógica e da razão, nos permite criar, inventar e supor o impossível. Estes modos de fazer podem ser narrados, mas não podem simplesmente ser reproduzidos no que têm de mais simples: a técnica. Merecem ser vividos com bastante verdade e envolvimento, por meio dos elementos imateriais que formam seus pequenos rituais habituais. Jogo assim e não assado. O cotidiano dos que se envolvem com o jogo está imbuído de rituais. Os preparativos são quase religiosos. O “Manto Sagrado” pode desbotar, mas estarei lá. Já vi quem escolhesse ver o jogo ali e não em outro lugar, porque da outra vez “deu certo” em uma tentativa de compor o incontrolável. É comum associarmos a “sorte” ou o “azar” a mínimos movimentos, que tendemos a repetir, caso tenham dado certo. Recentemente, uma matéria jornalística sobre um singelo e apaixonante clube mineiro, trazia como chamada: “Torcida atleticana 'amaldiçoa uniforme branco' e o culpa por nova derrota”. E no corpo da matéria:

“O Atlético-MG sofreu a segunda derrota seguida no Campeonato Mineiro, neste sábado. A torcida atleticana encontrou um culpado para o novo revés: "uniforme branco", que vem sendo utilizado com frequência pela equipe nos últimos jogos e já foi "amaldiçoado".(...) Os torcedores atleticanos já

---

<sup>6</sup> “Todo desenrolar do dia e da noite, de cada semana e por fim ao ciclo do ano litúrgico – em uma palavra, todo tempo vivido – é reciclado no ritmo simbólico da ressurreição” (DURAND, 1998, p.47)

decretaram que atuar de branco não resulta em bons momentos para o Atlético e desabafaram por meio das redes sociais. "Jogar de branco, até quando? É zica demais para o time", disse Bruno Santos, pelo twitter. "Quatro jogos de branco, uma vitória, é hora de mudar as cores do segundo uniforme", confirmou Bianca Coelho." (em esporte.uol.com.br, matéria de 08/02/2014)

Obviamente, os que correm risco de vida como toureiros e vaqueiros só conseguem se postar diante do combate – com suficiente entrega e disposição - a partir de seus rituais de sorte e portando seus amuletos protetores, que podem ser pequenos, mas cumprem enorme função: vencer o que depende de “um triz de um momento”. Não à toa, os que se envolvem com Bolas e Bois pagam promessas variadas para sobreviver às temporadas. Na ocasião da vitória de um grande campeonato, torcedores cumpriam diferentes vias sacras:

“Caminhadas longas, jejum de doces, de bebidas, nomes escolhidos para filhos e tatuagens, dois dias após a conquista do inédito título da Libertadores, diante do Olimpia, os torcedores começam a fazer planos para cumprir as promessas feitas em caso de conquista da América. As promessas para embalar o Atlético rumo à conquista da Libertadores foram diversificadas. Alguns torcedores optaram em fazer até mais de uma, sem levar em conta o tempo, ou a dificuldade de ser cumprida. Um dos casos de dificuldade é do torcedor Guilherme Vareta, que prometeu, em caso de conquista, caminhar da sede do clube mineiro, no Bairro de Lourdes, até a Cidade do Galo, em Vespasiano, percurso de cerca de 22km. "Vou eu e um amigo, andando devagar dá para cumprir", garantiu o torcedor, que, além disso, ficará sem beber bebida alcoólica até novembro.” (Em esporte.uol.com.br, matéria de 26/07/2013)

Assim, devoção, aceitação, comemoração. Com amuletos e promessas, o controle do incontrolável, nossa influência sobre o destino do jogo. Porque a junção do eterno com o tempo cambiante, ou da tradição que perdura com a fugacidade do tempo presente, *“pertence sem dúvida a todas as épocas e a todos os horizontes filosóficos.”*

(DURAND, 1998: 114)

Todos podem confirmar: o incrível jogo do Boi ou da Bola acontece em areias escaldantes, gramados, na chuva, no vento, no pasto, nas quadras, terrenos, várzeas, morros em declive. Em quadras e instituições. O campo, esse espaço do acontecimento, antes nada, matinho à toa, agora local de um jogo que carrega em si a seriedade de um ritual – pode se benzer para entrar, é sagrado. Jogadores, já os vi fardados, paramentados, uniformizados, só de shorts, descalços, de congas e havaianas. Tampouco a hora importa. De manhã, de noite, de madrugada. Acompanhado de água, de cerveja, de cachaça. Com regras bem demarcadas ou inventadas na hora. Rediscutidas durante o percurso.

Onde acontece a brincadeira – o espaço do acontecimento - cumpre a mesma função de integração temporal. Sempre se constitui como ponto de referência. Em muitas comunidades, o campo de futebol é também o lugar das principais festas e reuniões decisórias. Repetimos o evento, de preferência no mesmo lugar. O lugar do extra cotidiano, com sentidos reivindicativos que rompem com o normativo estabelecido. Autorizam situações que só mesmo ali, elementos que só podem ser criados em um espaço-tempo de concordância conjunta.

O jogo, para além de um espetáculo de técnicas e desempenho, é de dramas e de movimentos. Para além de entretenimento, é vida “vívuda de verdade verdadeira”. Um bailado que muitas vezes apresenta-se desordenado, buscando uma harmonia. Quando conseguem, movimento e beleza. Coreografias se formam e se desmancham como que por encanto.<sup>7</sup> O movimento do conjunto recria a cosmologia, o movimento dos astros no céu, pó de estrelas que somos, “*girando e rodando em uma dança labiríntica*”. (CAMPBELL, 2005, p. 165)

Com esses movimentos, neste lugar, com estes uniformes (e não o branco por favor!) jogando consigo, com os outros, com a assistência e com o mundo, somos um só coletivo, um conjunto, produzindo maravilhas. Muito se diz no jornalismo da ausência ou existência de um time integrado, que interfere diretamente no resultado final, no jogo “feio” ou “bonito”. Pouco se investiga essa integração e coesão. Não há estratégias

---

<sup>7</sup> “Remetendo a movimentos rítmicos e cíclicos da sucção ou do coito. São formas específicas de simbolização dinâmica que organizam o real, pois são expressões de nosso relacionamento com o mundo e com o outro, numa imagem arquetipal ancorada no próprio corpo”. (FERREIRA-SANTOS, 2004, p.33)

claramente definidas para que o time jogue “bonito” e coeso. Cada técnico busca encontrar a sua.

Associados somos em jogo, porque afinal, é muito chato jogar sozinho. Criamos desacompanhados, só com a Bola e com o Boi, claro. Mas as possibilidades narrativas aumentam com o número de participantes. Onze de cada lado, drama instaurado. Ao centro uma Bola oscilante. Ou um Boi dançarino. Maravilha. Nosso time vira a nossa vida e, ainda que sejamos muito diferentes uns dos outros, estaremos irremediavelmente ligados pela força do jogo, esta entidade manifesta que não serve para nada mas pela qual abandonamos tudo.

Por fim... Pode-se dizer que tanto o Boi como a Bola congregam em si duas sensibilidades distintas, que fazem com que o diálogo com ambos sejam e estejam, a nível imaginário, em um cerne profundo de busca de equilíbrio existencial. Talvez. O meio termo aristotélico. Entre a covardia e a coragem. O yin e o yang chinês. Bola, ela mesma, girando sob si mesma, ascensão e queda. Prendemos a respiração enquanto ela gira no céu, tentando adivinhar seu destino enigmático, nunca certo. É incontrolável, sem rumo, desobedece a nossa vontade. Nos ares, é viril e onipresente, força e beleza. O bicho manso, domado no meu braço, sob meus pés controlado. Está próximo dos homens quando domesticado. Mas quando não, feroz e besta, indomável. Um trânsito que percorremos em movimento, uma busca incessante de integrar opostos. Estupefatos, com intensa relação histórica com estas figuras - Bois e Bolas possuem seus lugares de veneração em diferentes culturas, desde o Antigo Testamento - almejamos, através dos tempos, a doma, a mansidão, a tranquilidade, a disciplina das paixões. Trabalhar a terra, transformar a natureza. Esquecer o sofrimento das paixões, da exaltação dos instintos, do ímpeto de ações impensadas.

Bola e Boi podem ser domesticados, mas nunca totalmente. Há que se reconhecer sua natureza selvagem Permanecem para sempre, como bem observou a pequena Morena, com chifres reluzentes. E a Bola, com essa teimosa indisciplina.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> As primeiras imagens humanas certamente relacionam-se ao mundo natural. Habitam assim o Ser Selvagem de Merleau-Ponty (2000), ou o Homem Tradicional de Gilbert Durand (2008). As imagens literárias mapeadas por Gaston Bachelard que todos reconhecemos, sem nunca termos estado lá. Corroborando com os mistérios humanos da biologia, da física, da cosmologia. Da vida e da morte. Da ciência e do mito.

Toda vez que encontro o pequeno Miguel, me surpreendo: está com uma bola entre o peito e o braço. Interpelo sua mãe, pois que ele, do alto de seus dois anos, fala pouco com quem não conhece muito. É ela quem me conta:

“Não me lembro quando a forma redonda, circular, entrou na vida do Miguel. Foi muito cedo, e veio pra ficar. Desde muito pequeno ele se interessa por círculos. A lua foi uma paixão natural; a bola, amor à primeira vista. Tudo é bola. Em tudo ele a vê. Bola de futebol, de basquete, de tênis, de pebolim, de sinuca. Uva, laranja, limão, mexerica. Cebola, semente, ralo, prato, maçaneta. Óculos, janela, banco, pão de queijo. O zero, a letra O, o planeta terra. O gosto pelo pepino cortado em círculos. Formas arredondadas compõem quadros, livros, móveis, roupas, carros, embalagens. Tudo é visto a partir dela: ‘olha a bola’. ‘Papai, desenha a bola’, muitas vezes por dia. ‘Onde tá minha bola?’, primeira frase matinal. É o brinquedo favorito, carregado a tiracolo por onde anda. ‘To dando mamá pra bola’ me diz quando a segura junto ao peito. Já se apaixonou por uma pequena bola azul de futebol: ‘Bola, você é muito linda, você é azul, você é prática, eu te joguei lá embaixo...’, por outra amarela, pela bola murcha, por uma laranja, pela branca e preta de futebol, atual companheira inseparável. ‘Mamãe, canta a música *Oi Oi Oi, Olha aquela bola*’. Santas bolinhas antroposóficas ou homeopáticas. Em casa as bolas são de todos os tipos e tamanhos, de bola de sabão a ‘bolinha de *gudinha*’. ‘Eu chutei a bola e marquei um gol’ ele conta quando alguém o chama ao telefone. Fotos, sempre com a bola, parâmetro e lente a partir da qual descobre o mundo... Redondo.” (depoimento de Clarissa Homs, mãe do Miguel, de 2 anos e 6 meses)

Tampouco o Boi ou a Bola prestam-se a muita coisa. E o que tentamos traduzir, por fim, Morena e Miguel já sabem.

## Referências:

CHAUÍ, M. Sobre o medo. In A. Novaes (Coord.), *Os sentidos da paixão* (6ª reimp., pp. 35-75). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAMPBELL, J. *As Máscaras de Deus: Mitologia Ocidental*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

\_\_\_\_\_. *As Máscaras de Deus: Mitologia Primitiva*. São Paulo: Palas-Athena, 2005.

COELHO, E. *Donos da bola*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

DURAND, G. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA-SANTOS, M. *Crepusculario: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi*. São Paulo: Editora Zouk. 2004.

FERREIRA-SANTOS, M.; ALMEIDA, R. *Aproximações ao Imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: Képos, 2012.

GAIARSA, J. A. *Organização das Posições e Movimentos Corporais*. São Paulo: Ed. Summus, 2001.

GEIST, V. *The Carnivorous Herbivore*. In Nathan Kowalsky (Coord), *Hunting, In Search of The Wild Life* (pp. 121-133). United Kingdom: Blackwell Publishing, 2010.

HORNBY, Nick. *Febre de Bola*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEVI-STRAUSS, C. *A Antropologia diante dos Problemas do Mundo Moderno*, São Paulo, Cia das Letras, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva. 2000.

RENSON, Roland. *The Reinvention of Tradition in Sports and Games*. ICSSPE/CIEPSS, Symposium Berlin, 1997. Berlin: Editora Verlag Karl Hofmann, 1997, p. 8 -13.

ROSA, G. *Grande Sertão:Veredas*, São Paulo:Circulo do Livro / Editora Nova Fronteira, 1984.

SAURA S.C. *Planeta de boieiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba-meu-boi [tese]*. São Paulo: Faculdade de Educação da USP; 2008.

SAURA, S. C. *A pedagogia do movimento na perspectiva do lazer*. In: CORREIA W.R.; BASSO L.. (Orgs.). *Pedagogia do Movimento do Corpo Humano*. Várzea Paulista: Fontoura, 2013, p. 121-140.

SAURA, S. C. Manifestações Populares e Práticas Educativas, dentro e fora da Escola. In Rev Bras Educ Fís Esporte, (São Paulo) 2013 Nov;27 Supl 7:27-36 • 27 (b)

VILELA, C. Futebol sem Fronteiras: Retratos da Bola ao Redor do Mundo, São Paulo: Panda Books. 2009.

ZIMMERMANN, A.C. Ensaio sobre o movimento humano: jogo e expressividade. Tese de Doutorado. Centro de Ciências da Educação. Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.